

ELLY SWARTZ

# Uma Amizade em Risco



Até onde irias  
para manter  
uma promessa?



**BOOK  
SMILE**

*Para a Joan, minha irmã e minha melhor amiga.  
Esta história é sobre as pessoas eternas das nossas vidas.  
Que bom estares na minha.*

1

## Eu Não Sabia



Eu não sabia que hoje ia ser um dia importante.

Não sabia que mudaria tudo.

Pensava que o que interessava já tinha acontecido.

Estava errado.

## 2

### *Pernas de Avestruz*



Aperto a bola de baseball na mão e semicerro os olhos por trás dos meus óculos escuros espelhados, observando o mar de rapazes que se move à minha volta. O McKinnon estica as suas longas pernas de avestruz, colocando-se à esquerda do Braden. No campo exterior estão o Billings, o Henry e um miúdo que eu não reconheço, que tem um aparelho nos dentes com parafusos vermelhos.

Estou na base do lançador e fecho os olhos. Ouço ao longe um cortador de relva e respiro uma mistura de relva e pó, esperando que isso acalme os nervos que

me agitam a espinha. É hoje que vou saber se entrei na equipa de basebol.

Abro os olhos e enfio a mão esquerda na luva de basebol a que chamei Betty. O cabedal está gasto e adapta-se aos meus dedos. Expiro e ouço o burburinho dos rapazes a falar e a rir, mas não digo nada. Não posso. Não quero agourar.

As provas foram na manhã em que parti para o acampamento de basebol. Tinha acabado de chover e o ar tinha uma textura viscosa. Era eu e um monte de rapazes. Todos rapazes. Como sempre. Mas, nesse dia, o meu braço estava imparável. Bola rápida atrás de bola rápida, todas aterraram na luva do recetor. Agora estou à espera na base, na esperança de que tenha sido suficiente.

O treinador Levi disse que estaria no campo às dez horas.

Engulo em seco e olho para o telemóvel. São dez e cinco.

Enfio o telemóvel de novo no bolso e aperto a luva de basebol. Sabe-me bem sentir as costuras na palma da mão.

É então que vejo o treinador Levi a atravessar o campo. O meu estômago revolve-se.

Quando se aproxima, os miúdos espalhados pelo campo juntam-se a ele como um enxame a aproximar-se da sua colmeia.

*Por favor, que sejam boas notícias.*

— Olá a todos — diz o treinador, tirando o boné e passando a mão pelo seu corte à escovinha.

As nuvens encobrem a luz do sol e eu puxo os óculos escuros para cima da cabeça.

Ele bate palmas.

— Chamei-vos a todos aqui porque queria felicitar-vos por fazerem parte da equipa de basebol de Mapleville deste ano.

As palavras ficam suspensas no ar. O meu cérebro é atingido por uma onda de choque, seguida de uma maré alta de felicidade.

Depois de anos de blá blá blá — «És boa para rapariga, mas não o suficiente para entrar na equipa» — finalmente consegui!

O treinador fala sobre o jogo e o calendário dos treinos e, quando termina, toda a gente desata a dar vivas e mais cincos. E eu sou parte de tudo.

Envio rapidamente uma mensagem ao Eric com as novidades.

Depois, a equipa alinha-se e o treinador distribui os equipamentos. Visto a minha nova camisola azul e vermelha de Mapleville sobre o top e enfio o meu longo cabelo castanho frisado debaixo do boné da equipa. O treinador fala em treinarmos duramente e apoiarmo-nos uns aos outros e depois diz que nos voltaremos a ver no treino da próxima semana.

A minha primeira reunião oficial de equipa acabou e sinto o coração a dançar.

Quando levanto os olhos, o Eric está a encostar a sua bicicleta de montanha à vedação do campo.

Corro para ele. Não nos vemos desde que eu fui para o acampamento de basebol, há um mês. Regressei hoje de manhã, e logo a seguir recebi o e-mail do treinador a pedir para nos reunirmos no campo.

— Bem-vinda a casa! — atira ele, mostrando a sua covinha.

Sorriso.

— Obrigada — respondo, olhando de relance por cima do ombro para a minha equipa. — Consegues acreditar? Finalmente fui escolhida!

— Claro que acredito — diz ele, tirando algo da mochila. — A tua bola rápida é uma besta.

— Sim, mas isso nunca foi suficiente. Pelo menos, até agora! — Faço uma pausa quando um disco verde-néon atravessa o campo ao lado. — Estou contente por estares aqui. Pareces mais alto.

Ele exhibe os braços magros.

— E mais forte.

Rio-me.

— Não pensei que viesses ao campo. Como ficamos de nos encontrar mais tarde para o nosso acampamento...

— Eu sei, mas como entraste na equipa quis trazer dónutes para celebrarmos.

Afasta os caracóis para o lado e mostra uma caixa de pastelaria.

Estou prestes a pegar num dónute com creme quando ouço o McKinnon a chamar-me. Viro-me. Ele está à frente do grupo de rapazes e acena-me.

— A equipa vai comer pizza.

— Oh — diz o Eric, pestanejando. — Sim, quer dizer, deves ir com eles.

Olho para a minha equipa com as suas camisolas e bonés de Mapleville e depois para o Eric. Grito para o McKinnon:

— Vou lá ter convosco.

O Eric fixa-me.

— Vai. Na boa. Vemo-nos mais logo.

— Tens a certeza?

Ele acena.

— Guardas-me um dónute? — pergunto.

Ele inclina a cabeça e levanta uma sobrancelha.

— Não prometo.

Rio-me.

— É justo.

O Eric salta para a bicicleta.

— Ei, obrigada por teres vindo e pelos quase-dónutes e por compreenderes a importância disto. — Falo depressa como se estivesse a rebentar de alegria.

— És o maior!

Ele concorda.

— Depois deste encontro da equipa, vou fazer a mala num instante e vou ter contigo a casa, para o fim de semana de campismo — digo-lhe. — Quero saber



todas as coisas que perdi enquanto estive no acampamento de basebol.

Ele mostra-me o polegar virado para cima.

— Entrei na equipa! — grito, enquanto faço adeus.  
— Ainda nem acredito que já posso dizer estas palavras!

\*

Quando chego a casa, ainda vou a flutuar com a novidade. A pizza com os rapazes foi estranha, ao início, e depois quase normal e divertida. Não sabia que as boas notícias podiam deixar-me o cérebro como que a borbulhar. Corro para o meu quarto para fazer a mala. Prometi ao Eric que seria rapidíssima.

O sol entra pela persiana. Toca na velha tapete amarela num retângulo perfeito. A *Casey*, a minha *golden retriever*, abana a cauda e estica o seu corpo peludo gigante no pedaço de sol. Observa-me enquanto eu ponho música, danço pelo quarto e abro a mochila.

Felizmente, ela é só uma cadela e não pode gravar nada disto no seu telemóvel.

Quando a canção termina, guardo na mochila a Betty, um par de chinelos, o meu fato de banho às riscas supergiro, o protetor solar SPF80 que a mãe me obriga a levar, uma toalha de praia arco-íris, a minha camisola de basebol de Mapleville, um baralho de cartas e algumas outras coisas aleatórias das minhas

anteriores quase anuais viagens de campismo com o Eric. O ano passado não fomos. A minha avó Gigi tinha morrido na primavera anterior e, em vez de pescar e nadar e sermos comidos por mosquitos, no fim de semana antes de começarem as aulas passamos o tempo na casa da árvore do Eric, a ler banda desenhada, a comer dónutes e a falar sobre pessoas eternas.

Acho que ele percebeu que eu estava meio triste — e não só por ele não ter percebido que a Mística era, na verdade, a melhor personagem de banda desenhada de sempre, mas porque as despedidas são duras. Foi nesse dia que percebi que dónutes e banda desenhada e amigos resolvem tudo.

Olho-me ao espelho de corpo inteiro que está pendurado na porta do meu roupeiro, sorrio para o meu equipamento da equipa e giro a moeda que tenho no bolso.

O Eric deu-me naquele fim de semana que passámos na casa da árvore. Tinha acabado de devorar o seu dónute glaceado com duas dentadas e estava a tentar, sem sucesso, convencer-me de que o Homem de Ferro era o melhor super-herói de sempre. Depois, meteu a mão no bolso e deu-me a moeda. Disse que eu devia ficar com ela, que sempre lhe tinha dado sorte — e que lamentava que estivesse suada.

Giro a moeda mais uma vez. Passou mais de um ano e ainda gosto de a ter comigo.

Olho em volta, para garantir que não me esqueci de nada para o campismo. Prendo os cantos da colcha

mais uma vez para que fique perfeita. Endireito a bola de baseball que está na minha mesa amarela, ao lado da planta falsa que a mãe me comprou depois de eu ter deixado morrer duas plantas verdadeiras e um gato.

Agarro na mochila. Quando passo pela estreita mesa de vidro onde a mãe costuma deixar as chaves, vejo a minha fotografia preferida de mim e do Eric, no jogo dos Red Sox, deliciados a comer cachorros quentes.

Sinto-me inundar de felicidade, e apercebo-me do quanto senti a falta do meu amigo de braços magros e péssimo gosto em super-heróis.

# 3

## Gelados Arco-íris



— Eric, estás atrasado. — A voz grave do pai ecoa pelas escadas de madeira acima.

Desligo a aplicação de palavras cruzadas, enfio a roupa suja espalhada pelo chão no saco e coloco a minha banda desenhada inacabada na parte de trás de uma prateleira. A minha t-shirt dos Vingadores passa no teste do cheiro, por isso visto-a. Engole-me os braços, apesar de eu andar a fazer flexões desde o início do verão.

Corro pelas escadas abaixo. A Dani e a Casey, a sua cadela, já estão na cozinha, rodeadas por uma das piores decisões da mãe: o papel de parede estampado cor-de-rosa e laranja. Corro a dar à Dani um enorme

abraço de parabéns — algo que não teria feito, obviamente, no campo, à frente da rapaziada —, e apercebo-me de que ela tem mais sardas e um cheiro diferente. A flores. Ou a algo frutado.

Estou para lhe perguntar o que é, quando ela diz:

— Obrigada por teres percebido a situação, há pouco.

— Sim, na boa. — Viro-me para esconder quaisquer migalhas de desilusão que tenham restado, e depois volto-me para ela. — A verdadeira questão é o quanto sentiste tu a minha falta enquanto estiveste fora! — Rio-me.

Ela abre bem os braços.

— Eu sabia! — digo, agarrando numa banana que está na taça de cerâmica em cima do balcão.

A Dani sorri.

— Mas o acampamento de basebol foi mesmo fixe. E depois, chegar a casa e descobrir que consegui entrar na equipa, foi épico!

Desatamos na nossa dança de vitória, uma que fazemos desde que ganhámos gelados arco-íris no segundo ano por termos vencido a corrida de sacos de batatas nas festas do bairro, por altura do feriado do 4 de julho.

Ainda estamos a dançar à volta da mesa quando a mãe entra.

— É bom ver que nada mudou — diz ela. — Que bom ter-te de volta, Dani. Tivemos saudades tuas, e parabéns por teres entrado para a equipa!

— Obrigada — responde a Dani.

— Vocês estão prontos? — pergunta o pai, trazendo com ele uma geleira branca e um saco de supermercado que espero que esteja cheio de batatas fritas.

Aceno.

— Talvez seja melhor verificares outra vez o teu saco para garantir que não te esqueces de nada — diz ele, saindo lá para fora.

— Não, está tudo.

— Trazes a tua luva, certo? — pergunta a Dani, fazendo festas à *Casey*, que tenta chegar com o focinho mais perto de um frasco aberto de manteiga de amendoim.

— Para que preciso da minha luva? Pensei que íamos só pescar e nadar, como sempre. Até aperfeiçoei a minha bomba enquanto estiveste fora.

— O treinador diz que tenho de treinar todos os dias.

— Pois, mas lembras-te do que aconteceu no verão passado?

Ela faz uma careta.

— Isso foi um acidente.

Depois de a avó dela morrer, a Dani não queria fazer quase nada a não ser jogar basebol. Por isso, um dia arrastei o cesto gigante onde ela tem as suas bolas de basebol para o campo e disse-lhe que podia atirar-me com elas. Foi nesse dia que fiquei a saber o que é a coordenação óculo-manual. E que eu não tinha nenhuma.

Corro lá acima e pesco a minha luva de basebol do cesto de verga que fica num canto, e que ainda cheira

ao pedaço de peru que, sem querer, deixei lá dentro a semana passada. Quando saio do quarto, encontro a Zoe, a minha irmã de 5 anos.

— Vou ter saudades tuas — diz ela, abraçando-me com força pela cintura.

— Também vou ter saudades tuas, pequenita — respondo.

Agarro no saco e corro para a rua, ao encontro da Dani e do meu pai, que já estão na nossa caravana branca e castanha. O pai comprou-a há cerca de um mês. Disse que estava em boas condições e que só tinha 32 mil quilómetros.

— É tão fixe — diz a Dani, passando os dedos pelo balcão. — Ena! Tem frigorífico e fogão e uma cama e casa de banho. — Faz uma pausa. — Tenho de reconhecer que fico bastante satisfeita por ter mesmo uma casa de banho e não só uma sanita portátil, como tínhamos nos nossos outros acampamentos. Essas cheiram pior do que queijo estragado e vomitado juntos.

Rio-me.

— E olha isto. — Mostro-lhe um carrinho telecommandado em miniatura, igual à nossa caravana branca e castanha. — O pai descobriu-o no Armazém do Big Al.

— Fixe!

— Não é? Só tenho de o carregar. — Ponho o carrinho a carregar na tomada por trás de nós e aponto para

o banco junto da mesa da cozinha. — Também temos este porreiro banco de cozinha, num dos muitos tons de castanho.

A Dani olha em volta para os balcões castanhos, os armários de cozinha castanhos e os assentos almo-fadados de flores castanhas.

— Pois, porquê todo este castanho?

Encolho os ombros e atiro o meu saco para cima do banco.

— Pelo menos os nossos sacos-cama são azuis.

O pai senta-se ao volante e olha para trás, onde nós estamos.

— Parece que nos falta um passageiro.

Eu e a Dani entreolhamo-nos e gritamos:

— Encontra-me!

Em dois minutos, a *Casey* salta para dentro da caravana com as patas enlameadas, procurando o biscoito canino de queijo que a Dani tem atrás das costas. Desatamos a rir enquanto saímos para a estrada.

Ao fim de uma hora, e de imensas mensagens trocadas entre a Dani e a equipa, chegamos à ponte Sagamore. Abrimos as nossas janelas. O ar de Cape Cod inunda a caravana e o canal estende-se por baixo de nós. A *Casey* põe a cabeça fora da janela, sentindo a brisa conforme atravessamos a ponte. Respiro fundo profundamente.

Esta é a nossa parte preferida.

O momento em que atravessamos.



# Às vezes queremos saber a verdade e outras vezes fugimos dela!

A Dani e o Eric são os melhores amigos desde o 2.º ano. Ambos adoram dónutes, livros de banda desenhada, jogos de basebol, especialmente os dos Red Sox, e acampar.

Agora que estão quase a iniciar o 6.º ano, a Dani descobre que finalmente entrou na equipa de basebol da escola, que só tinha rapazes, e o Eric decide entrar no clube de debate. Mas quando estão a despedir-se do verão, um terrível acidente muda todos os seus planos... e a amizade que os une.

Conseguirão perceber a falta que fazem na vida um do outro? Ou há coisas que não se conseguem mesmo perdoar?

«Uma história doce sobre o poder  
curativo da amizade... e dos dónutes!»  
*Kirkus Reviews*



Uma leitura perfeita para fãs de autoras  
como Barbara O'Connor e Megan Rix.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt

  penguinkidspt

9+

ISBN 9789897877186



9 789897 877186 >